

Olhar, olhar de novo, olhar melhor, colagem como ocupação e premonição

(1)

I used found objects in my work, appropriating the city as my inner and outer landscape

Quando nos conhecemos, a Nina começara a trabalhar regularmente com colagem e eu acabava de montar a minha oficina de gravura. Pareceu-nos evidente que poderíamos experimentar diferentes técnicas de colagem com a prensa. Não funcionou. A Nina era surpreendentemente indisciplinada.

Paper - impermanence, lack of clarity. Paper records, paper seals, paper burns.

A colagem, no trabalho de Nina Fraser, não é montagem, mas estabiliza-se numa imagem que parecia já lá estar. Daí o engano. A colagem é anterior a si mesma e constrói um espaço e um lugar necessários e desconhecidos. O movimento é de recolção, recorte, reconstrução e ocupação. Mas a palavra importante aqui é movimento. A uma imagem segue-se outra. Estável ou nem tanto. O domínio claro da composição é securizante. Mas olhamos de novo, olhamos melhor.

a shelter from storms

Em *Staircase* (2015), como em *Untitled interior* (2019 / 2020), a ordem é afinal desordem. Desordena-se a percepção normal do espaço. Joga-se com a orientação, a escala, a perspectiva, a profundidade. Há quadros sobre as paredes, mas não há paredes, flutuam como as escadas, como recortes de papel, como corpos que sobem e descem. E apesar da suspensão, tudo funciona numa espécie de normalidade burguesa e quotidiana como em *Zero point //01* (2021).

Images culled from taste-making publications question style and status

Em *Zero point //01*, não é a relação de escala entre as figuras que se rompe, mas a relação entre os menores elementos constituintes da imagem digital, os pixels — serão pixels ou apenas quadrados de cor? Ampliados em relação à imagem de fundo interpõem-se a ela como muros/objectos.

Severe, sever, severance, interruption, dissolution, rupture

Não se trata de ler as imagens apesar da subversão e do jogo, porque estes não as afectam. Até *Interior II* (2021), a intimidade tranquila dos interiores mantém-se imperturbável. Se tentássemos subir o lance de escadas de *Staircase* e caíssemos, surpreender-nos-íamos. Como Alice, demoramos um pouco a perceber a estranheza do lugar, qualquer coisa *offbeat*. É apenas suficiente para virar o mundo ao contrário sem impedir o seu reconhecimento e o seu funcionamento.

A colagem, no trabalho de Nina Fraser, pede a nomeação, aponta para trás e para fora, não foge da linguagem, mas joga com ela, faz um pacto de ficção. É metonímica e metafórica e irónica.

to the cracks (of the image)

As colagens parecem perfeitas, bem-comportadas, mas olhamos de novo. Há pequenos vestígios, uma brutalidade no recorte, ou na montagem, ou nas marcas não rasuradas. O trabalho acontece por tentativas, por encontros. O processo não procura a perfeição, o acabamento, a limpeza. Daí o engano. As fronteiras duras ou rasgadas do recorte, a cola, o papel amassado, a mancha. As rachas do papel quebrado onde o brilho do verniz estalou, o branco que aparece sob a tinta de impressão. Pequenos avisos a que ficar atentos.

Casas refeitas rarefeitas

Uma casa é recortada a oito e aposta sobre o vazio de uma folha. A colagem entende o suporte como espaço, geometria, um sistema de orientação axial e tridimensional. Mas não há casa, ou paisagem, ou lugar, sem tempo. Em *House arrangement*, a série de casas parece criar a ideia de um refúgio. Idílio e exílio.

My grandfather was a Flemish artist. We didn't see him so often, but every year he would send us a handmade collage 'card' for birthdays, Christmas etc

As imagens são construídas como velhos postais ou antigas fotografias de família, criam espaço e tempo, convocam um passado. De novo a escala. A rapariga sobre o carro em primeiro plano é menor que a sequência de caixas de correio no fundo. Atrás, a casa suspensa surge recortada contra o céu e o horizonte. Tudo funciona. Por vezes o efeito nostálgico dá lugar ao cómico como em *House arrangement III*, e o cómico toca o onírico como em *House arrangement IV*.

A presença dos corpos convoca-nos. Para onde se voltam estas figuras? Silhuetas de vidro, demasiado transparentes para serem sombras. O seu corpo é o corpo das janelas, o seu tempo é o do presente. As figuras olham para nós ou são olhadas, provocam o voyeurismo. Caem, esperam, espreitam, escapam. Estão à deriva, apanhadas em *stills*. Pedacos de filmes, cartazes, muros, portas, ruas, janelas. A construção de uma cidade a partir dos seus fragmentos e dos fragmentos dos seus corpos, por vezes feitos do vazio das roupas, *Red 2020*, ou de recortes onde ainda pode haver alguém, *Sidewalk // edition II*.

Em *Peel back* (2018), um corpo recorta-se a si mesmo, descola-se da imagem, retira-se, mas não está sozinho, com ele há outros corpos. Não é o seu gesto que o rasga. Já estava rasgado.

São imagens que não se imaginavam fora do seu papel.
Também elas fantasmas.

(2)

O segundo piso pede silêncio.

*on the road for the world to see
on top of a hill, in the rain,
fragments of five microcosms
Like a sort of paper maché.*

*Ana Lúcia Natividade
Nina Fraser*